

A VALORIZAÇÃO DA FRONTEIRA PARA A ATIVIDADE TURÍSTICA NO BRASIL: HERANÇAS E EXPERIÊNCIAS EM RORAIMA

Nilson Crocia de Barros, Prof (*)
Gersa das Neves Mourão, Prof (**)
Roseane Cavalcanti, mestranda (***)

INTRODUÇÃO

É comumente reconhecido o fato de que a função turística se difunde com grande rapidez nos espaços tropicais da América nos últimos anos. Contudo, esta difusão especificamente no caso do domínio amazônico no Brasil é muito mais recente, acontecendo principalmente a partir da segunda metade da década de 1990. A OEA e o governo federal brasileiro iniciaram a partir de então um sistemático levantamento de recursos mobilizáveis para o turismo na Amazônia e em seguida implantou programas de incentivos diretos e indiretos visando adicionar a função turística ao elenco de funções tradicionais desta macro-região. O presente trabalho expõe o papel exercido pela imagem pública herdada de Roraima, construída ao longo de cinco séculos, na promoção recente da difusão do turismo em Roraima, ao norte da Macrorregião da Amazônia Brasileira.

O Estado de Roraima¹, ou como se chama também, a Região do Vale do Rio Branco, no norte da Amazônia Brasileira, na fronteira com a Guayana e a Venezuela, foi desde o final do século 18 uma frente secundária de ocupação pela sociedade brasileira, e esta ocupação se realizou a partir da invasão das terras dos remanescentes indígenas que haviam sobrado das investidas de apresamento para escravidão que se desenrolaram nos séculos coloniais precedentes e até mesmo no século 19. A unidade primeira de assentamento expansivo foi a *fazenda* para criatório bovino assentada na zona das savanas e campos (Campos de Roraima, cerrado, ou lavrado), nas bordas ao norte do limite do trópico úmido amazônico. Estas fazendas, num sistema hiper-extensivo, ocupavam portanto o norte de Roraima, na zona de clima tropical de savanas que se estende para a Guayana (savanas do Rupununi) e Venezuela (Gran Sabana).

Neste foco primeiro de ocupação branca expansiva surge também mais tarde, nos meados do século 20, a cidade de Boa Vista, que se torna capital do Estado, hoje com cerca de 160 mil habitantes. Apesar dos sistemáticos esforços no século 20 para ocupação da área florestal e úmida, de padrão amazônico, e que ocupa 80% da superfície de Roraima, a população do estado encontra-se quase toda assentada na mancha das savanas e campos, especialmente em Boa Vista, cidade com cerca de 160 mil habitantes. Nesta mancha, submetida à velha colonização durante dois séculos - séculos 19 e 20 - e especialmente à urbanização das últimas três décadas, os grupos indígenas da área encontram-se muito aculturados e há uma mais densa rede de caminhos e povoados de apoio, além das infra-estruturas de alojamento e serviços modernos. Não é mais esta mancha de savanas e campos a área objeto de nova colonização por fazendas ou pequenos agricultores, em função dos bloqueios institucionais, i.é, a criação de Áreas de Terras Indígenas. A conquista de novas terras para fazendas de gado e lotes de colonização dirigiu-se para o sul florestal (Figura 1).

Foi justamente esta mancha de savanas e campos, de velha colonização, e onde se encontra a capital, Boa Vista, que o Governo do Estado resolveu reconhecer como região administrativa de planejamento, denominando-a como o *Polo Norte do Turismo*, dentro da estratégia política federal de *pólos de desenvolvimento do turismo* para a Amazônia. Roraima apresenta um modesto mais sustentado fluxo de turismo internacional, de padrão cultural e ecológico, que passa pelo Estado vindo da Venezuela em direção à Amazônia/Manaus, por via rodoviária através da BR-174, recentemente asfaltada. Não raro este fluxo apoia-se em termos de alojamento e transporte na cidade de Boa Vista. E é então este fluxo turístico o objeto das atenções dos agentes públicos e privados interessados na expansão da função turística na área de Roraima (Barros, 1998b).

Todos os esforços governamentais e dos agentes privados têm sido no sentido de aumentar a permanência deste fluxo no Norte das Savanas (Boa Vista e entorno), fluxo que vem do Parque Ecoturístico da Gran Sabana, na Venezuela, em direção a Manaus, no centro da Amazônia, ou vice-versa. Após apresentar referências teóricas e modelos referentes às realidades estudadas, o presente trabalho indica a complexidade dos domínios de gestão territorial em Roraima na perspectiva do uso turístico do território no estado, e mostra como a *nova imagem turística* das terras do Rio Branco apoia-se e se constrói como elaboração racional e seletiva sobre uma camada de representações regionais

(*) Universidade Federal de Pernambuco

(**) Universidade Federal de Roraima

(***) Universidade Federal de Pernambuco

¹ Cerca de 230 mil quilômetros quadrados e 250 mil habitantes.

efetivas e ativas sobre o potencial consumidor.

TEORIA E METODOLOGIA NA ANÁLISE DO CONTEXTO REGIONAL

A Geografia do Turismo.

Dentro do pensamento geográfico podem ser identificadas algumas idéias metodológicas centrais - além da tradicional distinção epistemológica entre a geografia geral e a geografia regional - que são: *as relações assentamentos humanos/meio ambiente; as diferenciações regionais ou das paisagens; as distribuições, as distâncias e os padrões espaciais; as difusões culturais e espaciais dos fenômenos; e paisagem como substância, texto e representação.* É a partir destas idéias que se pode empreender a construção de uma definição para a Geografia do Turismo. Inicialmente, partindo de uma divisão da Geografia Geral em áreas temáticas, é suficiente afirmar que a Geografia do Turismo situa-se dentro do campo da *Geografia dos Serviços* (Barros, 1998a, p.2).

Com a difusão do uso turístico do espaço, as paisagens geográficas foram se transformando, adaptando-se, sofrendo dinâmicas decorrentes da expansão turística. Ao se difundir pela superfície da terra, a função turística instalou novos equipamentos, criou ou alterou assentamentos naquelas áreas pelas quais se interessou e se espalhou, remodelou relações entre estes assentamentos e o meio ambiente. Certas frações de países e regiões passaram a se diferenciar de outras por conta da presença ou não da função turística. Velhos centros urbanos receberam a nova função e outras decorrentes da sua chegada ou novos centros surgiram mesmo a partir do turismo. E muitas paisagens passaram a receber novas representações visando torná-las um bom produto turístico, que é o que nos interessa particularmente no presente trabalho. Em larga medida estas representações turísticas se apoiam em camadas de imagens regionais herdadas, aquelas imagens, que como diz Price (1996, p.336), ajudam a cristalizar uma "*identidade regional*".

Definição. Num sentido operacional, mas flexível e amplo, caberia à "*Geografia do Turismo estudar as relações entre os assentamentos turísticos e o meio ambiente; as formas, as dinâmicas e as diferenciações das paisagens que se criam pela difusão e desenvolvimento da função turística, assim como as representações que se fazem das paisagens turísticas*" (Barros, 1998a, p.7). Além disto, pelo conhecimento disponível na Geografia acerca das regiões e dos lugares, em larga medida esta disciplina pode ser convocada a realizar inventários e identificar áreas ou pontos potenciais para a exploração turística, em frações da superfície terrestre por onde a função turística ainda não se difundiu. Na verdade, os estudos sobre o turismo em Geografia, apesar de anteriores, apenas se tornaram mais numerosos nos último quartel do século (Ioannides, 1995, p.49). No presente trabalho, são as imagens regionais herdadas em relação com as construídas no presente pelo marketing turístico, o centro das preocupações.

A paisagem turística.

As paisagens que estão sob o foco mais insistente da Geografia do Turismo são aquelas *continentes de infra-estruturas significativas de acomodação para pernoite fora do lugar usual de moradia dos visitantes, sejam estas infra-estruturas hotéis, pousadas, segundas residências ou locais de acampamentos (campings).* Depreende-se do anteriormente afirmado acerca da *Geografia* que *não é a função econômica turismo* o centro de interesses do estudo geográfico do turismo. O centro de interesses da Geografia do Turismo, de uma forma geral, está nas formas, nas dinâmicas e nas representações das paisagens derivadas do exercício das atividades turísticas e nas diferenciações areais ou regionais que estimulam a atividade turística ou que se criam por conta da função turística. A paisagem turística é um notável complexo de substância ('realidades', no sentido simples) e representações. Existe uma mitologia dos lugares associada às férias. Como diz Lozato-Giotart: "*A força das imagens que caracterizam os lugares turísticos correspondem a um tipo de 'território mental', onde realidades e mitos vão servir de suporte à descoberta e à viagem*" (1993, p.2).

Teorias e modelos em geografia do turismo e a realidade regional

Três modelos ou sistematizações teóricas particularmente referentes à função turística nas paisagens geográficas do contexto regional em exame são: a) o *Modelo dos Fluxos Turísticos entre duas localidades* (de Mariot); b) o *Modelo Sócio-Ambiental Seqüencial das Paisagens* (de Büttler) e a *Sustentabilidade*; e c) o *Modelo Seqüencial das Paisagens com base nos Tipos Psicológicos* (de Plog). Estes modelos serão apresentados a seguir à luz das realidades regionais em foco.

a) *O Modelo dos Fluxos Turísticos entre duas localidades.* O modelo de Mariot é centrado no fluxo, no movimento do fluxo dos turistas, procurando descrever duas situações básicas extremas quando duas

localidades entram em relação devido à demanda turística. Estas duas situações básicas formam dois *padrões teóricos do fluxo turístico*. É na realidade um *modelo de padrão de transporte turístico*, um *modelo de interação* em transporte. Na sua forma mais simplificada, uma localidade, L_1 , é a localidade de residência permanente dos turistas (ou localidade emissora), enquanto a outra localidade, L_2 , é o centro turístico ou de recepção (Pearce, 1991, p.6). A região em foco não se enquadraria, de acordo com a pesquisa sobre o perfil do turista que a visita (Coordenadoria de Turismo, 1997), nem na situação L_1 , nem na situação L_2 . Na realidade, Roraima corresponderia à situação *Rota*. O movimento dos turistas entre os dois extremos segue uma *rota*, que tem uma dimensão físico-territorial-econômica. A *rota de acesso* e a *rota de retorno* podem ser a mesma, i. é, o turista vai e retorna pela mesma via. Além disto, a simples rota de deslocamento pode incorporar a dimensão de *rota de recreação*. Os esforços em Roraima se definem como tentativas de transformar a simples rota de deslocamento em direção a Manaus, vinda da América do Norte e Europa via Venezuela, em *Rota de Recreação*. Isto significa atrair para paradas e consumo turístico - aumentar o tempo de permanência - os turistas que passam - através da BR 174, a rodovia que liga Manaus, passando por Boa Vista, a toda a Venezuela - por Roraima.

b) *Modelo Sócio-Ambiental Sequêncial das Paisagens Turísticas de Büttler e a Sustentabilidade*. Este modelo sugere um ciclo "evolutivo" ou uma série de etapas sequenciais para as áreas turísticas que se acham em processo de exploração pela função turística. Seria possível, segundo o modelo, identificar seis fases. A primeira fase caracterizar-se-ia pela *Exploração Inicial*, em que poucos e pioneiros turistas, atraídos pela conservação das belezas naturais e/ou culturais da área, estariam chegando. Numa fase Segunda, já se notaria uma 'estação turística' e a população local demonstrando primeiros envolvimento com a atividade. Na terceira fase, evidenciar-se-iam controles por empresas externas à região sobre os negócios turísticos do local, e uma clara definição sazonal turística. Conflitos entre população local e turistas podem vir a ser registrados. Na fase quarta, que se denomina de *Consolidação*, o turismo já teria se tornado o principal setor econômica da localidade, desalojando antigas e tradicionais funções geradoras de renda e emprego, e então aconteceriam os primeiros sinais de declínio na *taxa de incremento* anual do número de turistas. O quinto momento seria denominado de *Estagnação*: o máximo em número de turistas seria atingido, a destinação sairia da moda e o patrimônio imobiliário começaria a se desvalorizar. Por fim, no sexto momento, ter-se-ia o *Declínio* da destinação (Butler, 1980, cit. por Shaw & Williams, 1994, p.164).

Este declínio se aprofundaria não fossem tomadas medidas de *rejuvenescimento* da destinação. Evidentemente que não é um ciclo fatal, mas o modelo oferece uma visão organizada de processos muito evidentes nas diversas destinações turísticas. No caso da região em foco, uma vez que o modelo adotado de promoção e 'produção' turística é o do turismo ecológico, observa-se que a destinação encontra-se na fase inicial, com sinais de entrada na segunda fase. Trata-se de um momento privilegiado para introduzir as discussões já bastante substanciais e operacionais desenvolvidas acerca da sustentabilidade na exploração das paisagens turísticas, numa ótica de balanço entre *capital natural* e *capital cultural* (Garrod & Fyall, 1998, p.200). O perfil cultural do turista que passa por e visita Roraima, pela sua natureza cultural, impõe para sua atração uma orientação conservacionista.

c) *Modelo Sequêncial das Paisagens com base nos Tipos Psicológicos/Culturais* (de Plog). Advoga-se neste modelo que o perfil psicológico e cultural do turista acaba por reforçar ou mudar características dos lugares, uma vez que como consumidor suas preferências produzem serviços e bens que, em si ou em suas cadeias de produção, compõem e causam dinâmicas na configuração das paisagens (Plog, 1973, p.15, cit. por Pearce, 1991, p.15). O turista em Roraima é estrangeiro, europeu ou da América do Norte, que vem à América do Sul/Amazônia atraído pela evidência amazônica no campo das discussões ambientais, e em suas profissões predominam os professores e estudantes (profissões culturais). Formam um tipo de consumidor certamente sensível às imagens amazônicas e de Roraima forjadas pelos relatos naturalistas e mitológicos. Parece então que o modelo escolhido de turismo natural é adequado e que o perfil do turista que chega à região apresenta realmente características que levam ao reforço conservacionista dos recursos ambientais.

Ecobusiness: uma nova 'fronteira'?

Mudanças funcionais na fronteira.

Roraima mostra-se como dupla fronteira: a fronteira política e a fronteira de exploração de recursos. Em outras palavras, se diria que a área é fronteira no sentido histórico e cumulativo para a expansão da sociedade brasileira, uma espécie de borda mais externa do povoamento expansivo, e fronteira no sentido de limite entre estados-nações (Barros, 1998b, p.110). A área adquiriu ao longo dos últimos duzentos anos uma valorização essencialmente militar e estratégica, sendo marcos desta valorização a política de sua ocupação com fazendas e instalações militares no fim do século 18, a criação do Território Federal de Roraima - área sob jurisdição direta do governo federal - em 1943, e por fim a colonização estratégica da Rodovia Perimetral Norte ao longo da fronteira Brasil/Venezuela/Guyana nos anos de 1970 e 1980.

Episódios de negócios foram muito passageiros na área, como o *rush* da pecuária de 1870 até os anos de 1910, e os *rushs* de ouro dos anos de 1940 e 1950, e dos anos de 1980. Madeira nunca se constituiu em importante negócio em Roraima, nem a coleta de borracha ou castanha. Na presente década, contudo, anos de 1990, interesses do ecobusiness e do estado começaram a dirigir-se a Roraima, especialmente na segunda metade deste decênio. Impossibilitados de uma exploração de recursos nos moldes tradicionais, por conta das vastas reservas indígenas e ambientais que recobrem o Estado (Tabela 01), os negócios e o estado encontraram na exploração turística uma maneira de lidar com os constrangimentos institucionais ambientais e indígenas.

Tabela 1
Estado de Roraima
Situação institucional das terras
1998

Controle institucional	Superfície (Km ²)	Importância em relação à superfície do Estado (%)
<i>Áreas Indígenas (Funai)</i>	101.302	45
<i>Áreas de Proteção Ambiental (Ibama)</i>	47.427	21
<i>Área restante do Estado (inc. inundáveis, montanhas)</i>	76.539	34
<i>Total da superfície estadual</i>	225.115	100

Fonte: MPO/SAR/Suframa, 1998, p.57.

Para isto contribuiu a construção e melhoria da qualidade das infra-estruturas, especialmente o fornecimento de energia comprada da Venezuela, vinda da Usina Hidroelétrica do Guri, e o asfaltamento da Rodovia BR 174, já citada. Também os estímulos à cooperação inter-países ajudaram no empreendimento. Intenta-se a conclusão da rodovia ligando Boa Vista a Georgetown, com 550 quilômetros, 160 dos quais já asfaltados, e isto poderá integrar o crescente ecobusiness de turismo existente na Guyana (MPO/SAR/Suframa, 1998, p.58).

A complexidade dos domínios territoriais e o uso turístico do espaço.

Os domínios indígenas anteriores à difusão colonizadora foram em parte apagados pelas fazendas e projetos de colonização agrícola familiar, mas várias áreas indígenas foram criadas dando pleno domínio indígena sobre frações da superfície de Roraima. Não raro colonos e fazendeiros entram em conflito contra os indígenas por estas terras, e as incursões de excursões turísticas sobre áreas indígenas têm necessariamente quer ser autorizadas pelos mesmo e pelo órgão federal (Funai). Indígenas, como os Makuxis, dispõe de ONGs que viabilizam esta articulação com as agências de turismo receptivo que oferecem tais excursões. Há programa do governo federal, Embratur/Funai, de fomento ao turismo nas áreas indígenas, e muitos nativos participaram das oficinas de difusão do turismo a nível municipal promovidas pelo órgão federal de gestão do turismo (Embratur)² em articulação com estado e municípios.

² Trata-se de atividade dentro do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), da Embratur.

Há também iniciativas embrionárias de se desenvolver o ecoturismo também nas áreas de proteção ambiental sob jurisdição federal do Ibama. O que cabe observar é que existe uma complexa malha de gestão territorial em níveis diversos, através da qual devem necessariamente passar os esforços de implantação de serviços e infraestruturas do turismo. Em primeiro lugar existem os domínios federais através do Ibama e da Funai, que se sobrepõe ao poder estadual sobre seu próprio território. Nas áreas indígenas vivem cerca de 20.000 indivíduos índios. Mas há muitas fazendas de brancos ou colonos agrícolas dentro destas áreas. Em seguida, existe a escala dos domínios locais: estadual e a nível do município e das aldeias e áreas indígenas. Os limites municipais e o poder municipal por vezes conflitam com o poder dos indígenas, por vezes não.

Portanto, a prestação de serviço turístico em quase 4/3 do território (ver Tabela 1), que representa justamente a parte de maior interesse ecológico e cultural para o perfil do turista que chega a Roraima, demanda uma prévia, demorada, burocrática e muito incerta articulação institucional. Com tal complexidade de domínios e tal fragilidade de acordos, não é de se estranhar que os conflitos sejam frequentes e disruptores para a prestação dos serviços. Por exemplo, pontes de madeira são incendiadas, ou os indígenas decidem fechar todo acesso a suas terras, ou bloquear obras de infraestrutura, etc.

Retrabalhando a herança da velha imagem regional para vender eco-turismo

Imagens e permanências.

As representações ou *imagens* que se fazem de Roraima desde o século 16 têm mostrado alguns elementos quase sempre presentes nelas, algo como constantes que foram recebendo significados e funcionalidades diferentes em novos contextos culturais e sociais, à proporção que o tempo histórico foi decorrendo nos últimos cinco séculos. É realmente muito difícil encontrar alguma coisa nas representações sobre Roraima que tenha um dia desaparecido totalmente. Aquelas constantes emergem ou re-emergem em novos ambientes histórico-culturais. Agora emergem para serem funcionalizadas para o ecobusiness do ecoturismo.

Entre estes elementos tão constantes identificaríamos: *a remotividade no espaço e no tempo; o domínio indígena; os sofrimentos, as febres e as mortes; os heroísmos pessoais e institucionais; a violência dos homens entre si e para com a natureza; as possibilidades de riqueza abundante e rápida legitimada pelo risco, e sem o trabalho convencional; a super-natureza, a rudeza e o encantamento; e a desilusão.* Imagens de Primitividade, Natureza e Tempos Perdidos, em dual oposição com a idéia de Desenvolvimento, representariam o *tempo*, enquanto a Remotividade e o Desconstrangimento representariam o *espaço*, formando *complexo imagético*³ (Barros, 2000, p.34)

O 'El Dorado de Roraima'.

Os escritos de Walter Raleigh (1552?-1618) fixaram no imaginário ocidental a imagem da *Paisagem de Ouro* do Lago de Manoa na América, um sítio e uma civilização – várias cidades - em algum lugar possivelmente entre a Guayana, Roraima e a Venezuela. Raleigh foi de fato uma figura legendária dos começos da expansão europeia em direção às Américas (Livingstone, 1995:95,96), tornando-se um símbolo inspirador no século da expansão imperial britânica (século 19), mas para outros apenas um pirata. A renomada Royal Geographical Society, em Londres, teve no Raleigh Travellers' Club, fundado em 1826, seu antecedente (Markham, 1881:15, 19, 20) institucional.

A *Legenda do Ouro* sobreviveu, e sua sedução atraiu muitos outros e atrai até hoje garimpeiros às terras do rio Branco. Raleigh passou anos em prisão em Londres depois da primeira viagem à Guayana (1595). Morreu decapitado, por ordem real, no ano de 1618, após o fracasso da excursão final de 1617/1618 em busca de Manoa. Raleigh deixou a prosa de ação cujo título é *Discovery of Guyana* (1595). A imagem do Eldorado de Roraima continua viva, e tem sido efetivamente utilizada pelo marketing da promoção do ecoturismo de Roraima, no sentido de recuperá-la ativamente para atrair o consumidor dos mercados euro-americanos.

Nenhum ser humano pôs os pés aqui antes.

As descrições do encantamento e da remotividade de Roraima, da crueldade local escravista contra os indígenas, e do próprio sofrimento pessoal, descrições oferecidas por Roberto Schomburgk – a serviço da Royal Geographical Society, Londres - a partir de suas excursões por Roraima em 1835-36, e em 1837-38, são modelares (Schomburgk, 1836, 1841 a, 1841 b). Trata-se de uma persona do século da expansão do conhecimento imperial pelo interior dos continentes, no caso sul-americano. Os intermináveis dias

³ Sobre o conceito de '*complexo imagético*' de uma área ou região ver: Albuquerque Jr., Durval Muniz (1999), *A invenção do nordeste e outras artes*, Recife/São Paulo, Ed. Massangana/Cortes Editores.

de febres - estas seguidas pelos ataques de frio sob o sol tropical do meio-dia - que teve ele de suportar misturam-se com o deslumbramento ante as cenas naturais, como diante das Montanhas Kanaku, na Guyana, próximas à fronteira com Roraima. Em poucos relatos da geografia colonial o complexo naturalístico romântico está tão testemunho.

Diante do azul das Montanhas Kanaku, dominado pelo desejo e pela ansiedade de atingir as Montanhas do Acari no sul da Guyana, nesta atmosfera Schomburgk se expressa: “*Deixei meu olhar vagar por esta cena romântica e pitoresca...monumento de eras imemoriais iluminado agora pelo rico suave vermelho do pôr-do-sol dos trópicos (Kanakanu Mountains)*”(Schomburgk, 1841 a:165). As Montanhas do Acari Schomburgk as viu cobertas por densa floresta equatorial de altitude, um lugar tão impressionante em remotidade que o viajante não se conteve: “*provavelmente este lugar nunca foi pisado por um ser humano antes*” (Schomburgk, 1841 a:171). Uma filtragem da experiência naturalística é processada pelo marketing turístico, esquecendo-se das febres, embora elas ainda existam e se constituam do importante problema de saúde pública nas áreas rurais, e lembra-se apenas o encantamento com as *cenas naturais*. A paisagem recebe um tratamento de naturalismo otimista.

Você pode mergulhar no desconhecido e no passado!

Arthur Conan Doyle (1859-1930), grande escritor escocês e criador do detetive Sherlock Holmes, lançou em 1912 o romance científico *O Mundo Perdido (The Lost World)*. É um autêntico exemplar do gênero *literatura juvenil* e que se transformou em sucesso mundial, cristalizando – virou filme, inclusive - o *mito territorial* de que em algum lugar da superfície da terra o *passado* havia sobrevivido, e que talvez aí, uma vez esta área localizada, pudesse estar à disposição dos cientistas a chave da tão na moda teoria da evolução das espécies.

Os dois *sítios* geográficos como dimensões das representações (Duncan, 1994, p.39), aparecem nitidamente identificados, entrelaçados e clarificados na criação artística de Conan Doyle: o *sítio* a ser representado (Roraima, o passado desconhecido) e o *sítio* do qual emanavam as representações (a Londres imperial e vitoriana e curiosa). Altas posições nas corporações de naturalistas, exóticas aventuras e perigos para narrar, entre um e outro drink, nas concorridas reuniões dos 'clubs' sociais, estilo de vida excêntrico para ostentar, promissoras carreiras nas expansivas indústrias jornalística e acadêmica, cada qual com os seus motivos, estes personagens necessitavam encontrar um lugar do *passado*, e ‘*o passado era um país estrangeiro*’, como no título da memorável obra de David Lowenthal (1985). Este lugar seria entre Roraima, a Guyana e a Venezuela da Gran Sabana, mais precisamente o Monte Roraima.

Ali estava o homem mais primitivo, o *elo perdido*. Numa caixa aprisionaram– coletaram, dir-se-ia –, não o *elo perdido*, mas um exemplar de animal pré-histórico até então tido como extinto, um Pterodáctilo, ser repelente e mal-cheiroso e levaram-no como evidência de prova para a Sociedade Científica de Londres (Doyle, 1912). Dois *sítios geográficos*, dois *tempos*. Dezenas de outros seres pré-históricos haviam sido deixados lá em Roraima, pela simples impossibilidade de trazê-los. Existiria uma *região* onde estavam estes resíduos do tempo coletados por Prof. Challenger. O marketing turístico do final dos anos de 1990 recupera estas imagens e "vende" um mundo arcaico para os consumidores da classe média dos centros emissores de fluxos turísticos.

Natureza encantadora e população miserável.

Hamilton Rice (1875-1956), geógrafo norte-americano que viajou por Roraima em 1924, e Theodor Koch-Grünberg (1872-1924), este um misto de antropólogo e geógrafo que percorreu Roraima em 1911-1913, expressam em seus escritos a *dualidade* do encantamento com a natureza e o desapontamento com a situação da população nativa e dos colonos. A natureza é ao mesmo tempo bela, misteriosa e traiçoeira para o viajante; ela é como uma *sirena*, e toda a sedução é naturalista; mas a população é quase sempre em andrajos e doente, não erotizável.

Rice tinha como objetivos centrais realizar medições cartográficas e testes para o telégrafo sem fio, ao mesmo tempo desenvolvendo ações de assistência médica às populações nativas e aos colonos. Foi este geógrafo quem fotografou pela primeira vez Roraima do ar, iniciando uma era de *ponto de vista de imagem* que se estende até às imagens de satélites atuais. Durante uma visita a um grupo indígena, a equipe de Rice sentiu tal repulsa e desconforto diante das condições de vida destes nativos que muitos da equipe não puderam almoçar. Estes índios só tinham bananas para oferecer, e eram sujos e miseráveis: “*nos vimos isto com nossos próprios olhos*” (Rice, 1924:44). A natureza, porém, era diferente; não causava a *náusea geográfica* do contacto com o *outro*. Voando sobre as cabeceiras do rio Parima, com o hidroavião a 1.950 metros de altitude, a equipe encantou-se com a beleza e a vigorosidade das paisagens, especialmente com os grandes mergulhos das encostas nos pedimentos encaixados do piedmont das *Terras Altas Amazonas-Orinoco*, a sinuosidade das florestas-galeria e a clareza da atmosfera combinada com os efeitos da luz solar difundindo-se nas nuvens (Rice, 1924:42), numa pura expressão de estética romântica que marca o pensamento geográfico de então.

Paraíso, intimidade naturalista e perigos.

Na boca do rio Anauá, na bela área de tensão savana/floresta que antecedia como um umbral o sudeste florestal de Roraima perigoso e desconhecido, Grünberg descreve a abundância paradisíca da natureza: peixes e caça, veados, porcos do mato, milhares de tartarugas pondo os ovos na estação da baixa das águas (Günberg, 1966:27). À proporção que navegava para o norte, para Boa Vista, Grünberg ia descortinando a savana, aqui e ali como ilhas que apareciam no meio da floresta equatorial. Havia ele estado em Mato Grosso anos antes e refletiu sobre os temores que havia sentido quando dos primeiros contactos com as savanas. Mas naquele momento, margeando o rio Branco, as via de modo diferente: “*nada é estranho... Toda esta grande natureza me é familiar como um velho amigo. Entendo seus sinais amigáveis, e não temo quando me é hostil...*” (1966:29). Na madrugada havia sido despertado pelo canto dos pássaros, um evento notável do amanhecer em partes do sul e centro de Roraima. T. Koch-Grünberg faleceu em Roraima a 8 de outubro de 1924, no momento de um ataque de febre.

A recriação das representações para o turismo.

As notícias recorrentes sobre os estragos ambientais e humanos dos garimpos - inclusive as que percorreram o mundo sobre o massacre dos Yanomamis (Haximu) em 1993 - haviam prolongado para Roraima aquela imagem de fronteira feroz. As fortes imagens recentes do grande incêndio de 1997/1998 e as hipóteses de grande incêndio que não se concretizaram para período 1998/1999, colocaram em evidência na imprensa, mais uma vez, estas fronteiras do Brasil ao norte.

Mas, desde 1995 acha-se em curso esforço de modificação da imagem regional de Roraima diante do Brasil e do exterior, isto para fins de difundir a exploração ecoturística na área, sob sistemático estímulo do governo federal e da OEA. Representações de Roraima como terra de refúgio da natureza e dos grupos indígenas, da super-natureza, das belas paisagens e das cenas naturais e das possibilidades da solidão, dos “perigos” e enigmas do Monte Roraima, do sonho do Eldorado, do passado mítico, todas elas são *refuncionalizadas*, criando-se imagens fortes de desfrute e de prazer *eco-turístico*, e vai-se tentando soterrar a velha imagem pública regional de uma frente violenta (Barros, 1998). O que o marketing das imagens turísticas de Roraima faz é uma seleção *naturalística* na grossa camada de imagens do passado, excluído-se a violência das frentes escravistas, mineiras e agrárias acontecidas em Roraima.

Um Eldorado para o consumidor turístico.

Muitas representações são agora produtos profissionais do marketing do turismo, marketing que retrabalha a matéria prima - fatos da representação herdados e ativos - direcionando-os para a criação de oportunidades do *consumo turístico das paisagens*. Não mais as cenas estimuladoras da ganância da terra para apropriação pelas frentes agro-madeireiras-minerais, mas sim cenários de paraíso para aventuras energéticas, para re-encontros naturalistas, busca do paraíso perdido, aventuras psicanalíticas transculturais, de curiosidade ecológica, antropológica, esotérica dos consumidores das *classes médias* dos grandes centros urbanos do exterior.

“*A busca do seu Eldorado perdido ainda continua!*”, enfatiza um panfleto turístico. As *paisagens de legenda* do Renascimento Europeu re-emergem transformadas para criar as representações da Roraima na *era dos serviços*, da globalização e da revolução pós-industrial. Negócios com os países vizinhos, estradas para Venezuela e Guayana, *ongs* indígenas interessadas na exploração turística, regeneração urbana do velho centro ribeirinho de Boa Vista, e muito recentemente a erotização da mulher amazônica, e a ansiada invasão dos turistas estrangeiros, tudo isto pode deixar de provocar uma verdadeira revolução nos significados e na imagem regional das *terras do Rio Branco*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Amazônia brasileira inicia-se um rápido processo de difusão da função turística. Esta difusão se realiza sobre paisagens diversificadas e com características específicas, sejam estas características decorrentes dos modelos de uso de recursos anteriores, decorrentes das condições dos geofatores ambientais, decorrentes da intrincada rede de domínios institucionais-territoriais e étnicos, sejam decorrentes das imagens que a região formou ao longo dos últimos séculos.

Quanto aos geofatores ambientais, trata-se de um verdadeiro mosaico de diferenciações que se apoiam mutuamente do ponto de vista de serem funcionalizados para o uso turístico. Por exemplo, a região-plano Pólo Norte de Roraima é ambiente de savanas, e torna-se *rota* de fluxo em função do apelo que a área amazônica e florestal em torno de Manaus exerce sobre as zonas emissoras de turistas na Europa e Norte América. No que se refere aos modelos de uso de recursos anteriores, a difusão do turismo ecológico certamente criará interesses financeiros de contra-pressão aos excessos predatórios convencionais na exploração madeireira e pecuária sobre o ecossistema das florestas.

A rede de domínios territoriais é de uma complexidade particular. Não somente trata-se da coexistência de estados-nações pelo compartilhamento das fronteiras na Amazônia, mas também pelos desafios que os agentes do turismo terão de enfrentar para articular os fluxos que chegam à Guyana, Venezuela e Brasil. Do ponto de vista interno, há uma imensa rede de articulações a ser construída, entre os órgão federais com vastos controles na Amazônia, como Ibama e Funai, e estados, municípios, comunidades locais e aldeias indígenas. A extensão das redes transborda o território nacional através das empresas operadoras e das ONGs globais.

Do ponto de vista da imagem, é um grande desafio a reconstrução da imagem da Amazônia no campo internacional, uma imagem marcada pela destruição ambiental. A reconstrução desta imagem para o ecoturismo tem se baseado em uma *seleção naturalística* de tal ordem que tem dado origem ao que se poderia denominar de *naturalismo otimista*. Conseqüência deste naturalista otimista poderia ser a massificação de uma visão midiática simplística da complexidade ambiental, dos sistemas de assentamentos (de metrópoles a aldeias), institucional, humana e cultural do grande domínio amazônico. Cabe portanto à Geografia uma grande papel na problematização das representações regionais na área e construção de uma visão mais compreensiva da Amazônia que as parciais construções de imagens frutos de interesses específicos e momentâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barros, Nilson Crocia (1998a) , Manual de Geografia do Turismo, Recife, Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco.
- Barros, Nilson Crocia (1998 b) , 'A Reconversão do Eldorado pela Indústria dos Serviços', in: Perdigão, F. (org.), Turismo e Meio Ambiente, Fortaleza, Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco.
- Barros, Nilson Crocia (2000), 'Encounter e Imaginação Geográfica na Guyana Brasileira', Território, ano V, nº 8, pp.31-46, Rio de Janeiro.
- Butler, R . W. (1980), 'The concept of tourist cycle of evolution', Canadian Geographer, v.14, pp.5-12, cit por Shaw & Williams, 1994.
- Coordenadoria de Turismo (1997), Pesquisa sobre o Turismo Receptivo, Boa Vista, Secretaria de Turismo Governo do Estado de Roraima.
- Doyle, Arthur C. (1912), 'O Mundo Perdido' (trad.), São Paulo, Clube do Livro/Melhoramentos (ed. de 1987) (tit. orig.: The Lost World).
- Duncan, James (1994), 'Sites of Representation: place, time and the discourse of the Other', in: Duncan, James & Ley, David (eds), Place, Culture and Representation', Routledge, London, pp.39-56.
- Edwards, Philip (1953), 'Sir Walter Raleigh', Longmans, Green and Co, London.
- Garrod, Brian & Fyall, Alan (1998), 'Beyond the rethoric of sustainable tourism?', Tourism Management, 19 (3): 199-213, UK.
- Ioannides, Dimitri (1995), 'Strengthening the ties between Tourism and Economic Geography', The Professional Geographer, 47 (1): 49-60.
- Koch-Grünberg, Theodor (1966), 'Del Roraima al Orinoco(Vom Roraima zum Orinoco)', Banco Central de Venezuela, Caracas, 3 vols (trad.).
- Livingstone, David (1995), 'The Geographical Tradition', Blackwell, Oxford.
- Lowenthal, David (1985), 'The past is a foreign country', London, Cambridge University Press.
- Lozato-Giotart, J. P. (1993), Géographie du tourisme, Paris, Masson.
- Markham, Clements R. (1881), 'The Fifty Years' Work of the Royal Geographical Society', Journal of the Royal Geographical Society, vol. L:1-26.
- Pearce, Douglas (1991), Tourism today: a geographical analysis, Essex, Longman.
- Plog, S . (1973), 'Why destination areas rise and fall in popularity', Cornell H .R .A . Quaterly, nov., pp.13-16, cit por Pearce (1991).
- Price, Marie D. (1996), 'The Venezuelan Andes and the geographical imagination', The Geographical Review, 86 (3): 334-356.
- Raleigh, W. (1595), 'The Discovery of Guyana', in: The Principal Navigations Voyages Traffiques & Discoveries of the English Nation, by Hakluyt, Richard, Glasgow, James MacLehose and Sons, MCMIV, vol.X: 338- 441.
- Rice, Hamilton (1924), 'Exploração da guyana brasileira', Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, ed. 1978.
- Schomburgk, Robert H. (1836), 'Report of an Expedition into the Interior of British Guyana, in 1835- 1836', Journal of the Royal Geographical Society of London, vol.6.
- Schomburgk, Robert H. (1841a), 'Report of the Third Expedition into the Interior of Guyana, comprising the Journey to the Sources of the Essequibo, to the Carumá Mountains, and to Fort San Joaquim, on the Rio Branco, in 1837-1838', Journal of the Royal Geographical Society of London, vol.10: 159-190.
- Schomburgk, Robert H. (1841b), 'Journey from Fort San Joaquim, on the R. Branco, to Roraima, and thence by the Rivers Parima and Merewari to Esmeralda, on the Orinoco, in 1838-1839', Journal of the Royal Geographical Society of London, vol.10: 191-247.
- Shaw, Bernard & Williams, A . M. (1994), Critical issues in tourism, Oxford, Blackwell.
- Waugh, Evelyn (1934), 'Ninety-Two Days', London, Penguin Books (ed.1986).